

Caderno de Apoio
à Aprendizagem

AFRO-INDÍGENA BRASILEIRA

1ª SÉRIE

TRILHA

4



Governo do
Estado da Bahia

Secretaria de Educação

EXPEDIENTE

Governo da Bahia

Rui Costa | Governador

Danilo Melo Souza | Secretário em exercício

Manoel Vicente Calazans | Superintendente de Políticas para a Educação Básica

Coordenação Geral

Iara Martins Icó Sousa

Poliana Nascimento dos Reis

Coordenação de Educação do Campo/Quilombola

Poliana Nascimento dos Reis

Coordenações das Etapas

Poliana Nascimento dos Reis

Cassia Margarete Amaro dos Santos

Daniela Silva Ferreira

Equipe de Elaboração

Adenilza dos Santos Macedo (Adenilza Kiriri) | Coordenadora da Educação Escolar Indígena da Bahia

Admilson Silva Amaral (Katu Tupinambá)

Carlos Eduardo Carvalho de Santana

Francisco Cruz Nascimento

Jeane Borges dos Santos

Lucia Santana dos Santos da Silva

Mille Caroline Rodrigues Fernandes (Makyesi)

Colaboradores(as)

Adriana Mendonça dos Santos

Bruno Alves Moura Ito

Cassia Margarete Amaro dos Santos

Daniela Silva Ferreira

Fernanda Pessoa do Amaral

Gilberto Cardoso Alemeida

Poliana Nascimento dos Reis

Revisão, projeto gráfico e diagramação

Marjorie Amy Yamada

Foto da capa

Obra da graffiteira Ananda Conceição de Santana¹ ([@srt.as](https://www.instagram.com/srt.as)), 2018.

1 Formada no Bacharelado Interdisciplinar em Artes na UFBA, costuma trazer nos seus trabalhos a representação de mulheres negras, geralmente todas muito coloridas, muito vivas, com um traço muito próprio e com cunho político, abordando temas muito ligados à essência feminina da mulher negra, como religiosidade, comportamentos, sua ligação com a natureza, dentre outros. Acredita que visibilizar essas múltiplas mulheres é a sua maneira de ajudar a sociedade na compreensão de que representatividade importa. Além de transpor essas personagens para os muros, constrói também em forma de aquarelas e ilustrações. Seu intuito é disseminar ainda mais rostos e cores nos lugares, para que as senhoritas cheguem muito longe.

EPÍGRAFE

A nossa Escrivivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos


Conceição Evaristo



À Comunidade Escolar,

É com grande satisfação que disponibilizamos para a Rede Estadual de Ensino da Bahia os **Cadernos de Apoio à Aprendizagem**, um material pedagógico produzido a muitas mãos, destinado a apoiar educadores e estudantes no momento de retomada das atividades letivas. A sua elaboração envolveu professores(as) voluntários(as) e participação dos movimentos sociais, além de técnicos e gestores da Superintendência de Políticas para a Educação Básica – SUPED, responsável pela coordenação do trabalho. Destaca-se, em especial, a intensa interlocução entre diferentes modalidades, na perspectiva de produzir um material atento à acessibilidade e que contemple diferentes modalidades.

Os Cadernos foram concebidos como materiais de suporte para o planejamento pedagógico e para o restabelecimento das rotinas escolares. Sua elaboração partiu da análise crítica sobre quais seriam, nesse momento específico, as **aprendizagens significativas** para os estudantes, e quais as competências e habilidades a serem desenvolvidas por eles e elas ao longo desse ano letivo tão atípico. A partir daí, foram construídos os organizadores curriculares, que promovem uma aproximação entre a experiência docente em sala de aula e os objetos de conhecimentos que compõem o Documento Curricular Referencial da Bahia da Educação Infantil e Ensino Fundamental (DCRB) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).



A organização didática foi feita sob a forma de “Trilhas de Aprendizagem” associadas aos objetos de conhecimento. Essa estrutura visa a organizar e a acompanhar o processo de construção da aprendizagem pelo estudante, propondo interações e conferindo autonomia aos diferentes sujeitos. Cada trilha tem objetivos específicos e sua abordagem foi pensada especialmente para o público estudantil, apresentando uma linguagem que busca despertar a curiosidade e instigar a pesquisa, tornando o aprendizado mais eficaz, agradável, contextualizado e significativo.

Por fim, esperamos que esse material seja utilizado pelos educadores no planejamento pedagógico para o retorno às atividades letivas, como forma de conciliar os tempos e espaços de aprendizagem, e que sirva de inspiração para a produção de novas trilhas, em diferentes linguagens (áudio, vídeo, imagens, redes). Neste sentido, convidamos todos os educadores e educadoras da Rede Pública Estadual a produzirem e (re)elaborarem, a partir dos Cadernos de Apoio, suas Trilhas Autorais, abordando os contextos e necessidades territoriais e locais de cada realidade deste “país” chamado Bahia.

Abraços fraternos!

Secretaria de Educação do Estado da Bahia




APRESENTAÇÃO

Aquilombar-se em tempos de competição irracional nas relações humanas da contemporaneidade é um dos desafios mais devastadores na história da humanidade.

Vivemos os tempos das ganâncias impostas pelo capitalismo selvagem. Herdamos um legado torpe, deixado pelos senhores, pelos opressores de gente preta, tempos de negação de direitos, onde os oprimidos do passado tiveram que se refugiar nos novos Kilombos urbanos — as favelas, as periferias e as palafitas.

As **Trilhas da Educação Afro-Indígena Brasileira** são uma revisão histórica da ancestralidade negra do Brasil africano. Vivemos na maior diáspora africana e precisamos revisar a nossa história de vida, a nossa ancestralidade pelas vias da diversidade, pela quebra dos referenciais brancos de uma história única, pela necessidade de fazermos a descolonização nos currículos das escolas na educação básica e pela releitura dos nossos legados ancestrais que os livros didáticos não contemplam.



Essa trilha é simples, mas é a proposta de um estudo das epistemes tradicionais que quebram a verticalidade do poder, é a posição contra-hegemônica de educadoras e educadores que fazem do respeito à cultura africana no Brasil, um elo de ligação que não se quebra com os castigos impostos aos nossos antepassados, que não se quebra com a imposição de um currículo eurocêntrico, que não se quebra com os insultos de livros didáticos que não nos incluem. Não aceitamos a posição de continuarmos sendo alimentados de saberes caídos das mesas dos ditos cidadãos civilizados.

A nossa trilha é uma revisão curricular que precisa ser vista como inclusiva no respeito às mulheres, aos homens e às crianças pretas que ocupam as nossas salas de aula e que por inúmeras vezes são invisibilizadas e anuladas pela sociedade racista, subalternizadas com o direcionamento proposital para ocupar a cozinha do branco e da branca, opressores que nos subalternizam ao longo das nossas vidas.

Equipe de Elaboração das Trilhas/ Coordenação de Educação do Campo e Quilombola

QUADRO-SÍNTESE: 1ª série

Objetivos

- ◆ Despertar e estimular através de textos literários todas as potencialidades latentes no ser humano, tanto psíquica, artística e imaginativa como a capacidade de reprodução e de livre expressão.
- ◆ Valorizar a literatura e os saberes locais (linguísticos, culturais e religiosos) como forma de manutenção sociocultural das comunidades quilombolas e indígenas.
- ◆ Desconstruir os discursos e as imagens coloniais de aceitação da escravização e subjugação dos povos indígenas e afrodiaspóricos apresentados nas literaturas dos cânones.
- ◆ Reconhecer a importância da cultura e literatura negra e indígena, como elemento de valorização e manutenção dos saberes e fazeres dos povos africanos, afrodiaspóricos e indígenas.
- ◆ Iniciar a apropriação da Literatura Africana, Afrodiaspórica e Indígena como tática de empoderamento dos povos negros e originários na busca de uma representação positiva e ativa destas populações.



II Unidade letiva: trilha 4 – Literatura afro-brasileira e indígena

Tema gerador: Literaturas e artes afrocentradas; Literaturas indígenas; Escrevivências negras e indígenas; Afrodengo

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

- ◆ Criação do **caderno de campo** para registros diários do conhecimento prático e do conhecimento desenvolvido em sala de aula, individualmente e/ou em grupo;
- ◆ Exposição oral dialogada;
- ◆ Estudos dirigidos e comentários orais e escritos;
- ◆ Produção de textos, pinturas e músicas sobre as temáticas;
- ◆ Pesquisas práticas e bibliográficas;
- ◆ Realização de pesquisas de campo sobre literatura negra e sobre literatura indígena.

PROCEDIMENTOS AVALIATIVOS PARA A APRENDIZAGEM:

- ◆ Participação ativa do aluno no processo de ensino e de aprendizagem;
- ◆ Reflexões, provenientes de debates, de seminários e de rodas de conversas, a respeito dos temas abordados;
- ◆ Registros de atividades realizadas na escola e extraclasse;
- ◆ Elaboração de portfólios como resultado de trabalhos práticos resultantes de pesquisas de campo.



Literatura afro-brasileira e indígena

1 PONTO DE ENCONTRO

Olá, querido(a) estudante. Tudo bem?

Temos certeza de que você considera importantíssimas as temáticas estudadas nas Trilhas Afro-indígenas Brasileiras. Cada vez mais, disseminamos a percepção de que a nossa sociedade não é composta por apenas um saber e que esses saberes e fazeres quilombolas e indígenas precisam ser valorizados e respeitados, pois fazem parte de quem somos e de como podemos enxergar e compreender o mundo. Nesta caminhada, percorreremos uma trajetória que te levará a conhecer um pouco mais sobre o que é literatura afro-indígena, como também a conhecer alguns/algumas escritores(as) negros(as) e indígenas e suas táticas de luta e reexistências através de suas *escrevivências*.

Animado(a) para iniciar mais uma trilha? Então, vamos à luta!

2 BOTANDO O PÉ NA ESTRADA

Você já ouviu falar no termo *escrevivência*?

É um termo criado em 1994 pela escritora negra mineira Conceição Evaristo, a partir de sua dissertação de mestrado, quando faz um jogo de palavras entre “escrever”, “viver”, “escrever-se vendo” e “escrever vendo-se”, surgindo a palavra “escreviver”. Em 2005, durante a finalização do Seminário Mulher e Literatura, ocorrido no Rio de Janeiro, o termo *escrevivência* aparece na fala de encerramento da escritora, ao enfatizar que “escrevivência não era para adormecer a casa-grande, e sim para acordá-la de sonos injustos”, como também é publicado nos anais do evento, ganhando maior visibilidade e interesse por leitores e leitoras.

Escrevivência tem como imagem fundante as africanas e suas descendentes escravizadas dentro de casa. A Mãe Preta escravizada da qual uma das funções à época era contar histórias para adormecer os meninos e as meninas da casa-grande. A palavra das mães pretas e bás era domesticada, na medida em que tinham que usá-la para acalantar essas crianças. Hoje, a escrevivência das mulheres negras não precisa mais disso. Nossas histórias e escritas se dão com o objetivo contrário: incomodar e acordar os da casa-grande. Não estamos aqui para ninar mais ninguém nem apaziguar as consciências.

Dessa maneira, o termo refere-se a uma escrita que é parida do cotidiano, das memórias, das experiências de vida da própria autora e da população negra. É a vida que se escreve na vivência de cada pessoa, suas subjetividades e a forma como cada um/uma enfrenta o mundo que os/as rodeiam. Os romances, contos, ensaios e poemas escritos por Conceição Evaristo além de comprometidos com a vida real da mulher negra em uma sociedade marcada pelo preconceito, revelam a condição da população afro diaspórica no Brasil, pois são obras que se afastam do cânone nacional. A Escrevivência de Conceição Evaristo é um apelo à reflexão social, pois a escritora faz da literatura uma forma de libertação e de possibilidades de colocar no papel as dores, os silêncios/silenciamentos, as angústias, os preconceitos e as injustiças que de outra maneira permaneceriam ocultos.

A escrevivência procura compor uma narrativa em que as vivências/experiências da população negra e de sua ancestralidade sejam valorizadas. Portanto, na literatura a Escrevivência utiliza a oralidade para aproximar o diálogo com os(as) leitores(as). Destaca-se que a escrevivência é uma narrativa que dialoga com vivências/experiências a nível individual ao tempo em que se entrelaça com vivências/experiências da/na coletividade. Atualmente, a potência do termo *escrevivência* vem se ampliando para outras áreas do conhecimento e tem sido usado como uma abordagem epistêmico-textual em trabalhos acadêmicos que buscam valorizar as histórias e as memórias ancestrais.

Texto adaptado a partir da entrevista da escritora Conceição Evaristo concedida à Revista da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso>. Acesso em: 26 de março de 2022.

Para aprofundar seu conhecimento sobre **escrevivência**, convidamos você a ler o livro *Becos da Memória* da escritora Conceição Evaristo, disponível neste link: <https://docero.com.br/doc/x11118v>. Em seguida, no seu caderno de campo conte-nos:

- 1 O que mais chamou a sua atenção neste livro? Justifique.
- 2 De que maneira foi construída a narrativa do livro *Becos da Memória*? É uma narrativa em primeira ou terceira pessoa? Explique.
- 3 Qual é a representatividade das personagens a seguir:
 - a) Maria Nova
 - b) Maria Velha
 - c) Vó Rita
 - d) Bondade
 - e) Tio Totó
 - f) Beto
 - g) Ditinha
 - h) Dora
 - i) Negro Alírio

3 LENDO AS PAISAGENS DA TRILHA

Texto 1 A trajetória dos negros na literatura

A presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade. Evidenciam-se, na sua trajetória no discurso literário nacional, dois posicionamentos: a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada. Tem-se, desse modo, literatura sobre o negro, de um lado, e literatura do negro, de outro.

O negro como objeto: a visão distanciada

A visão distanciada configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve, entretanto, procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca dominante. Assim dimensionada, a matéria negra, embora só ganhe presença mais significativa a partir do século XIX, surge na literatura brasileira desde o século XVII.

Cabe salientar que personagens negros(as) na literatura brasileira canônica são apresentados a partir dos estereótipos de **escravo nobre** (como nos romances “Escrava Isaura”, do livro do mesmo nome, escrito por Bernardo Guimarães e publicado em 1872 e o “Mulato”, representado pelo personagem Raimundo, criado por Aluísio de Azevedo em 1881). Essa nobreza identifica-se claramente com a aceitação da submissão, apesar da bandeira abolicionista que o primeiro pretende empunhar e da denúncia do preconceito assumida pelo segundo.

Consequimos perceber também nos cânones o **negro vítima**, sobretudo quando escravo. Nessa óptica, ele se transfigura em objeto de idealização, pretexto para a exaltação da liberdade e defesa da causa abolicionista, como nos empolgados versos de Castro Alves, poeta romântico. “O navio negreiro”, em que, por exemplo, um de seus textos antológicos destaca a desumanidade que marcava o tráfico dos escravos, então já abolido. Outro poema, “A cruz da estrada”, situa a redenção pela morte, onde o escravo encontraria a sua plena liberdade: não há lugar para ele nessa sociedade, mas em compensação, a natureza cuida do seu túmulo e dele será o reino dos céus. O poeta baiano não atribui, na quase totalidade dos seus poemas sobre a escravidão, qualquer movimento de reação ou de revolta ao escravo, marcado pela atitude resignada.

Destacamos também a presença do **negro infantilizado, serviçal e subalterno**, que se encontra, por exemplo, em peças de teatro como “O demônio familiar”, de José de Alencar, e “O cego”, de Joaquim Manuel de Macedo. Esse estereótipo permanece, associado à animalização, na figura da personagem Bertoleza, do romance *O cortiço* (1900), de Aluísio Azevedo.

O negro ou o mestiço de negro erotizado, sensualíssimo, objeto sexual hipersexualizado e pervertido é uma presença que vem desde a Rita Baiana, do citado “O cortiço”, e mesmo do mulato Firmino, do mesmo romance (...) e ganha especial destaque na configuração das mulatas de Jorge Amado. A propósito, a ficção do excepcional romancista baiano contribui fortemente para a visão (...) de inúmeros traços da presença das manifestações ligadas ao negro na cultura brasileira, embora não consiga escapar das armadilhas do estereótipo. Basta recordar o caso do ingênuo e simples “Jubiabá”, do romance do mesmo nome, lançado em 1955, e da infantilizada e instintiva Gabriela, de “Gabriela, cravo e canela” (1958), para

só citar dois exemplos. A seu favor, o fato de que, na esteira da tradição do romance realista do século passado no país, a maioria de suas histórias insere-se no espaço da literatura-espelho e, no caso, refletem muito do comportamento brasileiro em relação às mulheres que privilegia. (...) Em síntese, no âmbito do distanciamento que procurei caracterizar, consciente de não ter esgotado todos os exemplos representativos, notadamente em relação à produção literária do último século e do começo do atual, predomina o estereótipo. O personagem negro ou mestiço de negros caracterizado como tal ganha presença ora como elemento perturbador do equilíbrio familiar ou social, ora como negro heróico, ora como negro humanizado, amante, força de trabalho produtivo, vítima sofrida de sua ascendência, elemento tranquilamente integrador da gente brasileira, em termos de manifestações. **Zumbi e a saga quilombola não habitam destaques nesse espaço.**

(...) Por outro lado, os protagonistas de romances e de muitos poemas, quando escravos, são originariamente (...) mulatos, a fim de que o autor possa dar-lhes traços brancos, e, deste modo, encaixá-los nos padrões da sensibilidade branca. Essa poetização da figura do negro, mais configurada nas manifestações literárias do século XIX, culminou por tornar-se (...) uma faca de dois gumes: (...) passou a ser uma via de saída confortável para o preconceito presente na realidade brasileira, na medida em que acabou escoando na aceitação do negro e do mestiço de negro reconhecido como tal enquanto emocionalmente e socialmente bem comportados, dóceis, resignados e que, como a **Isaura do romance [grifo nosso]**, sabem reconhecer o lugar que socialmente lhes foi imposto. Tal imagem, entretanto, vem-se diluindo desde as duas décadas finais do século passado, diante dos posicionamentos daqueles que seguem empenhando na luta pela afirmação cultural e pela legítima e devida integração do negro à sociedade brasileira, para além dos estereótipos e das distorções. Para tanto surge a literatura do negro, ou também conhecida como literatura negra, a qual apresenta o(a) negro(a) como sujeito numa atitude compromissada. (...)

O negro como sujeito: a atitude compromissada

A literatura do negro surge com as obras de alguns pioneiros, como o irônico Luís Gama (1850–1882), filho de africana com fidalgo baiano e o primeiro a falar em versos do amor por uma negra. (...) O posicionamento engajado só começa a corporificar-se efetivamente a partir de vozes precursoras, nos anos de 1930 e 1940, e ganha força a partir dos anos de 1960 e presença destacada através de grupos de escritores assumidos ostensivamente como negros ou descendentes de negros, nos anos de 1970 e no curso da década de 1980, preocupados com marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira. As vozes continuam nos anos de 1990 e na atualidade (...). Essa tomada de posição literária relaciona-se com os movimentos de conscientização dos negros brasileiros que marcam o início do século atual e vem ganhando contornos mais nítidos e definidos ao longo desse período histórico, com maior ou menor evidência. Data de 1915 o aparecimento, na imprensa, de periódicos especializados, entre eles, *Menelik* (1915–1935), *O Clarim da Alvorada* (1924–1937), *Voz da raça* (1924–1937); em 1931 surge a Frente Negra Brasileira. Segue-se o interregno da ditadura getuliana. As vozes voltam a clamar a partir de 1945, através, entre outras publicações, de *Mundo Novo*, *Novo Horizonte*, *Alvorada*. Nesse mesmo ano, funda-se a Associação de Negros Brasileiros; de 1944 é a criação do Teatro Experimental do Negro, onde se ressalta a figura de Abdias do Nascimento, também fundador, em 1968, do Museu de Arte Negra. Data de 1978 a fundação do Movimento Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCAR), depois Movimento Negro Unificado (MNU). Deste mesmo ano é a criação, em São Paulo, do Centro de Cultura e Arte Negra. No âmbito oficial, cria-se, nos anos de 1980, a Fundação Palmares. São algumas das publicações, entidades e movimentos de posições diferenciadas quanto ao equacionamento do problema, mas todas com o mesmo núcleo de preocupação: a causa do negro brasileiro. Pouco a pouco, escritores negros e descendentes de negros começam a manifestar em seus escritos o comprometimento com a etnia. (...) está entre as manifestações das escritas a consciência da necessidade de afirmação (...) como nos mostra o texto “Ferro” de Cúti, ou podemos perceber a revolta acentuando-se em versos no texto “Quilombos” de José Carlos Limeira ou ainda o orgulho de pertencer à etnia transparece vigoroso nas palavras de “Integridade”, de Geni Mariano Guimarães:

FERRO (Luiz Silva — Cúti)

Primeiro o ferro marca
a violência nas costas
depois o ferro alisa
a vergonha nos cabelos
Na verdade o que se precisa
é jogar o ferro fora
e quebrar todos os elos
dessa corrente de desesperos.

Quilombos (José Carlos Limeira)

meus sonhos
sofro de uma insônia eterna de viver vocês.
E se um distinto senhor me disser
para não pensar nessas coisas
terei que matá-lo
com certo prazer.

Integridade (Geni Mariano Guimarães)

Ser negra.	De negras mamas,
Na integridade	de negra alma.
calma e morna dos dias.	Ser negra, negra.
Ser negra,	Puro Afro sangue negro,
De negras mãos,	Saindo aos jorros por todos os poros.

(...)É importantíssima a ocupação pelos negros e seus descendentes de espaços literários e de outros espaços igualmente culturais até então timidamente frequentados. O caminho vem sendo percorrido. (...) Importa prosseguir na busca de uma plena e insofismável representatividade, até que se torne inteiramente dispensável a presença como marca de uma diferença redutora.

PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Revista Estudos Avançados**, n. 18, (50), p. 161–193, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/mJqCRgkgYfJzbnfBJVHR9x>. Acesso em: 26 de março de 2022. (Texto adaptado)

Literatura indígena atual torna visível aquele que a história tornou invisível social e politicamente”

(...) A literatura é um espaço de representação (...) capaz de comportar as mais diversas realidades de um país. Desde a década de oitenta, o crescimento de autores de origem indígena vem crescendo no mercado editorial, trazendo consigo a realidade de seus povos e o seu lado da história do Brasil. Segundo o IBGE, existem mais de 300 etnias, fazendo do Brasil um dos países com a maior diversidade de povos locais no mundo. O número de línguas faladas em um país é um dos critérios para se avaliar o grau de diversidade cultural nele existente. No Brasil, são faladas mais de 170 línguas indígenas, o que o coloca entre os dez países de maior diversidade cultural do mundo. “É preciso lembrar que algumas dessas línguas têm hoje menos de dez falantes, estão morrendo”, conta Eduardo Navarro, professor do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Atualmente, São Paulo tem a quarta maior população indígena do país, com mais de 10 mil índios vivendo em bairros periféricos. Hoje, mais de 30% dos índios brasileiros com fenótipo indígena ainda visível vivem nas cidades, representando cerca de 300 mil. (...) Nesse contexto, o meio literário torna-se um espaço de disputa de narrativa, como explica Navarro: “A literatura é uma arena na qual se debatem diferentes visões de mundo e onde se mostram as diferentes representações do índio”. Segundo ele, houve uma mudança na representação da figura do índio a partir dos anos 80. “O índio idealizado e mitificado das epopeias árcades como Uruguai, o Caramuru, os romances indianistas de José Alencar e mesmo de autores modernistas, a literatura indígena dos últimos 40 anos passa a mostrar o índio de forma mais verossímil” (...). “Por exemplo, mal se pode perceber um índio real no personagem Peri, da obra de Alencar, impregnado dos valores morais e éticos da cristandade e das características do herói medieval importados de além-mar”.

De acordo com Navarro, a riqueza da cultura indígena é mal aproveitada e representada nas obras clássicas de literatura, mesmo em movimentos que o colocam como protagonista, como o modernismo. “A

literatura indígena atual, porém, desvia o olhar de um índio do passado e passa a olhar para um indígena do presente, aquele que a história tornou invisível do ponto de vista social e político” (...).

Protagonismo indígena

Para Eliane Potiguara, escritora, ativista e professora, o crescimento da representação indígena na literatura é importante na luta por direitos e representação, passando a ter papel ativo na criação da sua história: “O indígena, hoje, tanto na parte política quanto na parte da educação, quanto na parte literária, tem se tornado um protagonista, pegou o destino dele nas mãos e começou a caminhar com seus próprios pés. A literatura especificamente indígena, feita por pessoas que vêm das comunidades dos povos indígenas, que têm um amplo conhecimento e vivência de suas culturas, é uma literatura que nasceu como uma forma de resistência”. A escritora ressalta como essa representação nasceu da necessidade de se mostrar a cultura, a luta dos povos ameríndios e a violação dos direitos humanos sofridos por esses povos.

Para ela, outro aspecto importante do crescimento da representação é o compartilhamento da história dos povos originários do Brasil. “A voz é oral, os nossos velhos trazem essas histórias de vida e de criação de cada povo. Muitas dessas histórias foram passadas para o papel por brasileiros não indígenas que, quando passaram, reescreveram as nossas histórias. Mudaram o sentido geral, resignificaram e até deturparam de certa forma”, diz Eliane. “Ele está contando algo que não está vivendo, como uma pessoa de origem indígena vive e sabe da sua realidade, da sua história, da história da sua família, que viveu o cotidiano desde criança, escutando a história dos avós em torno da fogueira, toda uma realidade, uma cultura indígena, que só quem sabe é quem conviveu” (...).

FUENTES, P. Literatura indígena atual torna visível aquele que a história tornou invisível social e politicamente. *Jornal da USP*. 16 de novembro de 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/literatura-indigena-atual-torna-visivel-aquele-que-a-historia-tornou-invisivel-social-e-politicamente/>. Acesso em: 26 de março de 2022.

Para saber mais 1

Você já ouviu falar sobre os Cadernos Negros?

Cadernos Negros é uma série literária independente que veicula textos afro-brasileiros e que foi concebida por jovens estudantes que acreditavam no poder de conscientização, sensibilização e acolhimento da literatura, e viam na literatura uma possibilidade de expressar e promover uma arte propriamente negra, incentivando uma visão crítica sobre a imagem do negro no Brasil, que era visto apenas como mão-de-obra, “coisa ruim” ou objeto sexual. As lutas por liberdade no continente africano, que levaram à independência de diversos países africanos de língua portuguesa, iniciadas na década de 1970, como também os movimentos *Black Panthers*, *Black is beautiful*, a Imprensa Negra Paulista, além do ecoar do ativismo de Rosa Parks, Nelson Mandela, Abdias do Nascimento e Lélia González foram as maiores motivações para a criação dos *Cadernos Negros*. Criados em 1978, e publicados anualmente e ininterruptamente desde então, os *Cadernos Negros* além de terem se tornado um marco, representam uma experiência singular que vem arregimentando autores e autoras de gerações diferentes, bem como de regiões distintas. Durante toda a história do Brasil, mas especialmente no período pós-abolição, tivemos afrodescendentes que ousaram adentrar o campo da criação literária e construir obras que se mostraram duradouras. Podemos citar Cruz e Souza, Luís Gama, Auta de Souza e, mais recentemente, Solano Trindade e Carolina Maria de Jesus, dentre outros. A partir de 1978 a produção literária afro-brasileira dinamizou-se bastante por conta da criação da série *Cadernos Negros*, que, publicando contos e poemas, tem se tornado o principal veículo de divulgação da escrita daqueles e daquelas que resolvem colocar no papel suas experiências e visão de mundo. Além de proporcionar espaço para os criadores, a série, organizada pelo *Quilombhoje*, também vem se tornando um instrumento para o exercício da lei 10.639/2003 e 11.645/2008, pois se constitui numa fonte extremamente rica para veiculação da cultura, do pensamento e do modo de vida dos afro-brasileiros. De 1978 a 2017, quarenta volumes foram lançados, um por ano, alternando contos e poemas, proporcionando visibilidade para autores afrodescendentes e fomentando não só a literatura negra, mas também a produção literária das periferias.

Figura 1. Lançamento dos Cadernos Negros 1 — livraria Teixeira, centro de São Paulo, 1978



Fontes: Cadernos Negros 40 anos. **Quilombhoje.** Disponível em: <https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/>. Acesso em: 26 de março de 2022.

“Cadernos negros: os melhores poemas” – Análise da obra. **Guia do Estudante.** 2018. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/cadernos-negros-os-melhores-poemas-analise-da-obra/>. Acesso em: 26 de março de 2022.

Para saber mais 2

Você já ouviu falar sobre *Thydêwá*?

Fundada desde 2002, é uma organização que promove a cultura da paz como caminho para a transformação sociopolítica, organizando projetos, produzindo livros que valorizam a memória, a história, a ancestralidade e a pluriversidade dos povos indígenas. O termo *Thydêwá* significa “Esperança da Terra”. São mais de 55 projetos executados por esta organização, que também concorreu e ganhou 13 prêmios, sendo um deles o Prêmio Direitos Humanos na categoria Promoção da Igualdade Racial, outorgado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH).

Fonte: <https://www.thydewa.org/que-somos/>

Aprofunde os conhecimentos com os *podcasts* a seguir:

- 🔊 **Literatura indígena, por Adenilza Kiriri** – <https://anchor.fm/cassia-santos78/episodes/LITERATURA-INDIGENA-e1k09ug/a-a846kqm>
- 🔊 **A importância da literatura para os quilombolas** – <https://anchor.fm/cassia-santos78/episodes/A-importancia-da-literatura-para-os-quilombolas-e1kgmc8>



Fontes de pesquisa complementar:

- ◆ Nós Tupinambá. **Índios na visão dos índios Tupinambá**. Textos e fotos da comunidade indígena Tupinambá de Olivença. Edição Sebastián Gerlic. Editora Thydêwá: Bahia e Maceió, 2008. Disponível em: <http://www.thydewa.org/downloads/tupinamba.pdf>. Acesso em 26 de março de 2022.
- ◆ Nós Tupinambá. **Índios na visão dos índios**: Memória. Edição Sebastián Gerlic. Editora Thydêwá: Bahia, 2012. Disponível em: <http://www.thydewa.org/wp-content/uploads/2012/07/memoria.pdf>. Acesso em 26 de março de 2022.
- ◆ Nós Tupinambá. **Memória da Mãe Terra**. Textos e fotos da comunidade indígena Tupinambá de Olivença. Edição Sebastián Gerlic. Editora Thydêwá: Bahia, 2014. Disponível em: <http://www.thydewa.org/wp-content/uploads/2014/12/livro-mae-terra-web.pdf>. Acesso em 26 de março de 2022.
- ◆ Nós Tupinambá. **Índios na visão dos índios**: Memórias do Movimento Indígena do Nordeste. Edição Gabriela Saraiva de Mello; Sebastián Gerlic. Editora Thydêwá: Bahia, 2015. Disponível em: http://www.thydewa.org/wp-content/uploads/2015/03/LIVRO-MOVIMENTOS-CARTOGRAFICOS-FINAL_web.pdf. Acesso em 26 de março de 2022.

Você sabia...

...que o Protagonismo Literário da População Negra e Indígena contribui para a desconstrução de visões preconceituosas e equivocadas?

O ponto de partida é o reconhecimento de que a população negra e a população indígena devem ser abordadas como verdadeiras protagonistas de suas histórias, possibilitando a desconstrução de uma mentalidade preconceituosa e estereotipada. A literatura negra e indígena, feita por pessoas negras e por pessoas que vêm das distintas comunidades indígenas, apresenta um extenso arcabouço de vivências/experiências de suas culturas. É uma literatura que nasceu como forma de reexistência, luta e tática contra a violação de direitos, como também o compartilhamento das memórias, histórias tanto das populações negras, como dos povos originários do Brasil.

Fontes: PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. Revista Estudos Avançados, n. 18, (50), p. 161–193, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/mJqCRgkgYfJzbnmfBJVHR9x>. Acesso em: 26 de março de 2022.

FUENTES, P. Literatura indígena atual torna visível aquele que a história tornou invisível social e politicamente. Jornal da USP. 16 de novembro de 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/literatura-indigena-atual-torna-visivel-aquele-que-a-historia-tornou-invisivel-social-e-politicamente/>. Acesso em: 26 de março de 2022.

Estudantes quilombolas e indígenas, agora é sua vez!

- 1 Sabemos que a presença tanto do povo negro quanto do povo indígena na literatura brasileira por muito tempo não escapou de um tratamento estereotipado e marginalizador. Dialogue com seu/sua professor(a) de Literatura e com seus/suas colegas sobre a discussão apresentada nos textos 1 e 2. Em seguida, de posse do seu caderno de campo, anote os aspectos relevantes apresentados a partir dos diálogos com sua turma na sala.

4 EXPLORANDO A TRILHA

Olá! Tudo bem até aqui?

Agora que você já conhece um pouco sobre o tema abordado, tenho certeza de que despertou em você uma curiosidade tremenda em querer saber muito mais sobre o assunto. Os textos a seguir levarão você a compreender mais sobre **escre(vivência)**.

Texto 3 De Rafael Xucuru-Kariri para Apoena, seu filho

Salvador, 12 de julho de 2020.

Apoena, meu filho,

Preciso lhe falar sobre o dia em que registrei seu nome.

Foi um momento importante. Um nome e um sobrenome nos dizem muito. Eles são uma biografia, mas também uma historiografia. Cartórios de registros são arquivos históricos de uma sociedade; páginas de como as pessoas vivem e se identificam. Não seria diferente com você. Registrar seu nome, Benjamim Apoena, como pertencente ao povo Xucuru-Kariri, é contar a história do Brasil.

Como lhe disse, um nome nos diz muito.

Ser indígena é um território simbólico difícil de habitar nesse país. Nós nos tornamos uma espécie de referência taxonômica, com uma legenda explicativa abaixo dos nossos nomes. A identificação com um povo indígena carrega uma prisão: basta evocá-la para nos aprisionarem

nos preconceitos habituais. Vivemos uma batalha cotidiana para preencher com nossos corpos o vazio deixado pelos estereótipos com os quais tentam nos enquadrar.

Veja o caso da sua bisavó, que era índia sem saber. No tempo em que a Antropologia não se preocupava tanto em classificar povos na região nordeste, mas o Estado insistia em roubar nossas terras, Dona Eudócia Maria vivia sua vida sem tantas nomenclaturas identitárias. Simplesmente cuidava dos seus com ervas, conselhos, rezas e rituais, enquanto vagava pelo sertão à procura de uma vida melhor. Estrangeira em sua própria terra, como todos nós, índios, somos, ela sabia que sua história de vida e a do seu povo não garantia o direito à própria casa, nosso território. O poder do dinheiro e o poder do título de propriedade forjados dos não índios valiam mais.

Já seu avô sabia que era Xucuru-Kariri, mas não podia ser. Testemunhando a diáspora de seus pais e da sua nação, com medo do mesmo destino, foi declarado caboclo, mestiço, muitas vezes sem revidar, como única opção de uma vida menos sofrida. Antes que você se apresse com julgamentos, tente se colocar no lugar dele. O seu nome de índio, Apoena, foi garantido na certidão; o dele, na chacota do preconceito e na humilhação da pobreza.

Seu pai carregou essas contradições e assumiu como sobrenome o nome do nosso povo. Assino Xucuru-Kariri sem apagar meu nome de cartório como forma de me manter alerta, de me lembrar da trajetória errática do nosso país, que tenta sentir orgulho de si mesmo com os horrores de sua história. Cioso da humilhação de seu passado, seu avô me ensinou sobre o orgulho que devemos sentir de nós mesmos. A vida e a labuta política por respeito trataram de consolidar a identificação dessa autoestima com o nosso povo.

Foi pensando nesse orgulho de ser indígena que sua mãe e eu escolhemos seu nome. Uma homenagem a uma liderança indígena e outra a um indigenista. Ahöpowe em jê é Apoena em português. No primeiro encontro entre o sertanista Francisco Meirelles e o povo Xavante, o cacique Ahöpowe declarou: “branco, amanso-te!” A intensidade desse momento foi revivida anos mais tarde, quando Meirelles registrou seu filho como Apoena, uma homenagem aportuguesada ao encontro que

teve com o grande cacique. “Apoena, aquele que enxerga longe”, nome para você, meu filho, pensado também como um entrelugar do encontro de um indígena com um indigenista, do português com o jê, e hoje, do seu pai com a sua mãe.

Nós queríamos que seu nome indígena carregasse a busca de uma boa vida, de alguém que procura satisfação consigo próprio e com o mundo que o rodeia, isto é, um Bem Viver. Mas não se engane: essa não é uma história de passividade. Esse mundo interno e sem fronteiras tem que ser conquistado cotidianamente, como na manhã na qual fui ao cartório. Feliz e cansado, entreguei ao oficial de registro um papel com o seu nome escrito. Ele transmitiu o primeiro olhar desconfiado, o que não me espantou, afinal, estava no cartório que registra os filhos mais ricos da cidade, acostumado a sobrenomes de pompa. Para minha surpresa, o oficial de registro disse que precisava consultar a juíza de plantão. Retornou confirmando o meu preconceito e o deles: num bairro de ricos, nome de índio não se registra.

Todos os seus nomes de branco foram aceitos pelo escrivão, mas: “Apoena não é sobrenome”, “no Brasil se fala português, não Tupi”, “o menino não terá ligação com o pai, que não tem nome de índio” — argumentaram.

Insisti em ver a juíza e lhe despejei os códigos constitucionais. Conteí do absurdo daquela cena. Na primeira capital do Brasil, na terra dos Tupinambá, Benjamim pode, mas Apoena não. Ela me olhou como o primeiro português a ver um índio: perplexa, desdenhosa, surpresa e orgulhosa. Após várias idas e vindas ao cartório, muita jurisprudência discutida, ameaças de processos pelo evidente descumprimento da lei e desrespeito à nossa dignidade, conseguimos! Seu nome foi aceito nos registros oficiais do Brasil. Nome de índio.

Triunfante, solicitei que se colocasse a observação “pertencente ao povo Xucuru-Kariri”. Mais alguns dias de discussão e espera para, finalmente, garantir uma certidão de nascimento. Como lhe disse, o Bem Viver é, principalmente para nós, um ato de construção diária diante de uma sociedade que insiste em nos negar a própria existência.

Olho para você e penso nesta carta, escrita num passado não tão distante no tempo, mas longínquo nas ideias — assim espero. Como pai, quero que você veja um Brasil melhor, diferente dos horrores de hoje.

Espero que você viva uma boa vida, satisfeito consigo e batalhando por um mundo com o qual você se sinta bem. Minha pequena contribuição para o início do seu Bem Viver foi garantir seu nome de índio.

Seu pai,

Rafael Xucuru-Kariri

XUCURU-KARIRI, R. De Rafael Xucuru-Kariri para Apoena, seu filho. In: COSTA, Suzane Lima; XUCURU-KARIRI, Rafael. (Orgs.). **Cartas para o bem viver**. Salvador: Boto-Cor-de-Rosa Livros Arte e Café. p. 5961, 2020.

Texto 4 Quarto de despejo: diário de uma favelada

15 de julho de 1955

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se. Passei o dia indisposta. Percebi que estava resfriada. A noite o peito doía-me. Comecei tossir. Resolvi não sair a noite para catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho. O ônibus atirou um garoto na calçada e a turba afuiu-se. Ele estava no núcleo. Dei-lhe uns tapas e em cinco minutos ele chegou em casa. Ablui as crianças, aleitei-as e ablui-me e aleitei-me. Esperei até as 11 horas, um certo alguém. Ele não veio. Tomei um melhoral e deitei-me novamente. Quando despertei o astro rei deslisava no espaço. A minha filha Vera Eunice dizia: — Vai buscar água mamãe!

16 de julho

Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar água. Fiz o café. Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café simples e comesse carne com farinha. Eu estava indisposta, resolvi benzer-me. Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau olhado. A indisposição

desapareceu sai e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça. Faz uns dois anos, que eu pretendo comprar uma máquina de moer carne. E uma máquina de costura. Cheguei em casa, fiz o almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os péssimos vizinhos que eu tenho não dão sossego aos meus filhos. Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte (...) Catei dois sacos de papel. Depois retornei, catei uns ferros, uma latas, e lenha. Vinha pensando. Quando eu chegar na favela vou encontrar novidades. Talvez a D. Rosa ou a indolente Maria dos Anjos brigaram com meus filhos. Encontrei a Vera Eunice dormindo e os meninos brincando na rua. Pensei: são duas horas. Creio que vou passar o dia sem novidade! O João José veio avisar-me que a perua que dava dinheiro estava chamando para dar mantimentos. Peguei a sacola e fui. Era o dono do Centro Espirita da rua Vergueiro 103. Ganhei dois quilos de arroz, idem de feijão e dois quilos de macarrão. Fiquei contente. A perua foi-se embora. O nervoso interior que eu sentia ausentou-se. Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto. Quando iniciei outro surgiu os filhos pedindo pão. Escrevi um bilhete e dei ao meu filho João José para ir ao Arnaldo comprar um sabão, dois melhoraes e o resto pão. Puis água no fogão para fazer café. O João retornou-se. Disse que havia perdido os melhoraes. Voltei com ele para procurar. Não encontramos. Quando eu vinha chegando no portão encontrei uma multidão. Crianças e mulheres, que vinha reclamar que o José Carlos havia apedrejado suas casas. Para eu repreendê-lo. (...)

JESUS, Carolina Maria de, (1914-1977). **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Ilustração Vinicius Rossignol Felipe. 10 ed. São Paulo: Ática, p. 11-14, 2014.

De posse do seu caderno de campo, vamos refletir um pouco?

- 1 Pesquise sobre a vida e obra da escritora Carolina Maria de Jesus.
- 2 A partir das *escre(vivências)* dos textos 3 e 4, conte-nos qual/ quais elementos das narrativas despertaram sua atenção. Por quê?

CONHECENDO UM POUCO MAIS 2

Você conhece o filme “Das Nuvens para Baixo” (2019), com direção de Marco Antônio Gonçalves e Eliska Altman e direção de produção de Geandra Nobre?

É inspirado nos diários da escritora Carolina Maria de Jesus (1960), quando pela primeira vez na história do Brasil uma favelada escreve sobre seu cotidiano. O filme te ajudará a refletir sobre continuidades e discontinuidades entre distintas vivências femininas e seus significados de favela, vivenciados por cinco mulheres no Complexo da Maré, localizado no Rio de Janeiro: Iraci, Edilma, Maria da Paz, Vanessa e Genalda.

▶ **Assista ao documentário pelo link:** <https://youtu.be/8GyRhazy7cE>

TRILHA SONORA – Qual é a melodia dessa caminhada?

Fazer uma caminhada ouvindo uma música é sempre gostoso, não é? Para continuar o nosso percurso, vamos ouvir as canções abaixo?

- 🔊 **Mulher do Fim do Mundo** – <https://youtu.be/6SWlwW9mg8s>
- 🔊 **Sinto Tanta Raiva...** – <https://youtu.be/9H195BEIHZ4>
- 🔊 **Minha História** – <https://youtu.be/hTykDO8WpDc>
- 🔊 **Nunca Desistir** – <https://youtu.be/IS57jZVY-vM>
- 🔊 **Pantera Negra** – <https://youtu.be/Xi1BfosGv2E>
- 🔊 **Um Corpo no Mundo** – <https://youtu.be/V-G7LC6QzTA>
- 🔊 **Asas (Wiramiri)** – <https://youtu.be/ROCLVYQ5CUs>
- 🔊 **Dengo** – <https://youtu.be/9ktoWOY4vyc>

- 🔊) **Meu Grande Amor** – <https://youtu.be/GaTJCDx9n-I>
- 🔊) **Nhamandú** – https://youtu.be/7J9_vSKWtSc
- 🔊) **Baiana** – <https://youtu.be/3QEFDraloXQ>
- 🔊) **Conte Comigo** – <https://youtu.be/cxdt-nlCa7M>
- 🔊) **Zero** – <https://youtu.be/M4s3yTJCcmI>
- 🔊) **Quem tem um amigo (tem tudo)/A amizade** – <https://youtu.be/qlB96rHpgPc>
- 🔊) **Xondaro Ka'aguy Reguá** – <https://youtu.be/cT7ZXxAMetY>
- 🔊) **Canção Infantil** – <https://youtu.be/Ri-eF5PJ2Xo>
- 🔊) **Milionário do Sonho** – <https://youtu.be/vgdnbRg92no>

5 RESOLVENDO DESAFIOS DA TRILHA

O posicionamento engajado da literatura negra relaciona-se sempre com os movimentos de conscientização e de valorização de períodos históricos de luta e resistência da população negra. A seguir, leia o poema “Mahin Amanhã”, da escritora Miriam Alves e pesquise sobre qual revolta a escritora faz referência. Não esqueça de nos contar onde aconteceu, quando aconteceu e qual foi o objetivo desta Revolta.

Texto 5 Mahin Amanhã

Ouve-se nos cantos a conspiração
vozes baixas sussurram frases precisas
escorre nos becos a lâmina das adagas
Multidão tropeça nas pedras
Revolta
há revoada de pássaros
sussurro, sussurro:
“é amanhã, é amanhã.
Mahin falou, é amanhã”.

A cidade toda se prepara
Malês
bantus
geges
nagôs
vestes coloridas resguardam esperanças
aguardam a luta

Arma-se a grande derrubada branca
a luta é tramada na língua dos Orixás
“é aminhã, aminhã”
sussurram
Malês
bantus
geges
nagôs
“é aminhã, Luiza Mahin falô”

ALVES, Miriam. **Cadernos Negros**: melhores poemas. p. 104.

6 A TRILHA É SUA: COLOQUE A MÃO NA MASSA

Ao compreendermos a escrevivência como possibilidade de afirmação das subjetividades e especificidades sociais, históricas e culturais, a ação de escrever e vivenciar apresenta-se em seu sentido mais amplo de escrita, ou seja, aquela que proporciona espaço-tempo de experiências verbais e não verbais, como também individuais e coletivas. Dessa maneira, a proposta de atividade tem como objetivo a produção de um Caderno de Contos a partir das suas escrevivências e das escrevivências da sua comunidade quilombola ou de sua aldeia indígena.

Vamos lá?

Em sua produção, reflita sobre como a escrevivência vai se constituindo numa importante prática de valorização da relação dialógica e das constituições do indivíduo num contexto sociocultural em que a coletividade seja referência para interações e percepções do mundo.

7 A TRILHA NA MINHA VIDA

O que achou do processo de escrita? Você gostou? Nessa etapa da nossa trilha, o processo de escrita autoral faz parte da sua formação. Nesse sentido, a produção textual torna-se uma grande aliada!

Vamos continuar a nossa caminhada?

8 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO SOCIAL

A escrevivência é uma ferramenta geradora de fluxos novos ou reformulados que permitem a criação das possibilidades de ser, viver e interagir, reafirmando um dos alicerces das relações dialógicas, em que as outras diversas vozes discursivas vêm habitar uma pluralidade de sentidos construídos e apreendidos pelo tempo e pelas vivências/experiências compartilhadas no/com o coletivo.

Com o intuito de conhecer mais sobre o cotidiano das populações quilombolas e indígenas, escolha um guardião ou uma guardiã do seu quilombo ou da sua aldeia e conte-nos o que ao longo da sua trajetória de vida você aprendeu e compartilhou com ele/ela? Não se esqueça de acrescentar ao seu relato registros fotográficos.

Peça autorização aos/às guardiões/guardiãs e depois é só fazer a divulgação nas redes sociais: WhatsApp, Facebook ou um canal do YouTube.

9 AUTOAVALIAÇÃO

Chegamos ao final de mais uma trilha!

Você percebeu que o nosso percurso foi repleto de muita troca de vivências/experiências? Parabéns por ter chegado até aqui. Agora, antes de finalizarmos, gostaria de te pedir para fazer uma análise dessa caminhada. Aproveite esse momento para refletir sobre todo o percurso realizado. Logo a seguir, disponibilizamos algumas questões que te ajudarão a refletir sobre a caminhada!

Vamos lá?

- 1 Para você, quais foram as informações mais relevantes?
- 2 O que você aprendeu sobre escriturivência?
- 3 Qual é a importância das escritoras Conceição Evaristo e Miriam Alves na literatura negra?
- 4 O que você aprendeu sobre Literatura Negra?
- 5 O que você aprendeu sobre Literatura Indígena?
- 6 Qual é a importância do protagonismo da população negra e indígena no Brasil?
- 7 De que forma os temas abordados na trilha colaboraram com a sua formação?

GLOSSÁRIO

Arregimentar: juntar, reunir, agrupar, associar, convocar.

Deturpar: corromper; danificar, alterar ou modificar.

Engajado: que participa de modo voluntário para algum trabalho ou atividade.

Epopéia: ou poema épico, é uma estrutura poética, do gênero narrativo. É uma história contada em versos em vez de prosa. Esse tipo de narrativa é marcado por aventuras e heroísmo.

Exótico: que é esquisito, excêntrico, extravagante.

Fenótipo: reunião das características particulares ao indivíduo que podem ser visíveis ou detectáveis.

Insofismável: que não se pode duvidar; que não se consegue deturpar, indiscutível.

Interregno: período de tempo em que um governo fica sem chefe ou representante; intervalo ou interrupção passageira; interlúdio.

Mitificado: fazer com que (alguma coisa) seja transformado em mito.

Ostensivamente: de maneira ostensiva; de modo a se mostrar em exagero, chamando a atenção.

Pitoresco: Inusitado ou interessante; que se sobressai pela excentricidade.

Precursor: dianteiro, anunciador, batedor, pioneiro, prenunciador.

Verossímil: que aparenta ser verdadeiro; sobre algo cuja verdade não se duvida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONCEIÇÃO, Evaristo (1946). Becos da memória. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

Documento curricular referencial da Bahia etapa do Ensino Médio. 1ª versão. Secretaria da Educação do Estado da Bahia, 2021, p.692.

